



## **A comunicação popular do Exército Zapatista de Libertação Nacional: um ensaio sobre identidade e linguagem<sup>1</sup>**

Lilian Crepaldi<sup>2</sup>

Mestranda em Ciências da Comunicação

Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes

### **Resumo**

O estudo visa compreender como o Exército Zapatista de Libertação Nacional, movimento social mexicano, busca conservar sua cultura e visão de mundo por meio da comunicação popular. Delineamos como objeto de estudo dois comunicados do movimento, com o intuito de verificar se comunicações do EZLN auxiliam na manutenção da cultura local e preservação da identidade. A pesquisa será essencialmente qualitativa e terá como ferramenta de interpretação a análise do discurso. O estudo também visa entender como os conceitos de cultura popular, identidade, mitologia e linguagem estão presentes na comunicação do EZLN.

### **Palavras-chave**

Comunicação Popular; Movimento Social; Neozapatismo; Identidade; Cultura

### **Introdução**

Diversos movimentos sociais que trabalham com a questão da terra buscam inspiração no Zapatismo. A maior prova de que as idéias de Zapata estão presentes na contemporaneidade é o EZLN, que propõe a volta das discussões sobre a questão da terra e das condições dos povos indígenas. Diferente do que as campanhas contra o movimento fazem-nos pensar, o EZLN não trabalha com a violência e nem propõe a guerra armada, mas sim a construção de uma ordem *verdadeira*. Ele luta pelo mesmo que luta todo o mexicano: "trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz." (DI FELICE; 1998; p.41)

O neozapatismo de Chiapas também aborda o vínculo com o passado para pensar as questões presentes. Em sua primeira manifestação pública, em 1994, o movimento expôs à sociedade a sua rebeldia em relação à entrada do México no Nafta. Para o subcomandante Marcos, a história do México "é uma longa batalha entre o desejo de ser ele mesmo e a vontade estrangeira de arrebatá-lo outra bandeira" (DI FELICE; 1998; p.76). Mais do que isso: eles reagiam contra a alteração dos artigos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Comunicação para a Cidadania, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação da Intercom.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Metodista de São Paulo e em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: [liliancrepaldi@uol.com.br](mailto:liliancrepaldi@uol.com.br). O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq-Brasil.



modificados em vista da entrada no bloco, dominado pelos norte-americanos. A mudança nos artigos cunhados na Constituição de 1917 previa a queda da regulamentação sobre o uso da terra, ou seja, as terras se tornavam alienáveis. Para o movimento de Chiapas esta era a prova máxima da inconstitucionalidade do México e de que as conquistas da Revolução de 1910 estavam sendo suprimidas. Era preciso dar início a uma nova revolução.

Em traços gerais, a direção do movimento de Chiapas (estado mais pobre do México) é um conselho formado pelas sete etnias principais do antigo Império Maia. Não há a figura de um líder, apenas um porta-voz do movimento: o desconhecido Subcomandante Marcos. A guerra iniciada em Chiapas adquiriu dois sentidos principais: o *militar*, na forma de pequenas ações e repressões, e o *comunicacional*, na medida que o movimento ganhou expressão internacional por meio dos meios de comunicação o que dificulta a repressão do governo. Assim, a resistência do EZLN deve-se em grande parte ao jogo midiático estabelecido pela exposição dos rebeldes, pela divulgação do governo de notícias contra o movimento e pela recepção dos diferentes setores da sociedade civil. O EZLN reconhece a visão de um mundo global e joga com a internacionalização da comunicação. A palavra é a grande arma do grupo de Chiapas, tanto para reivindicar como para responder às acusações do governo.

Contudo, o movimento sabe que não é possível uma Revolução isolada no México. O campo de batalha é o mundo inteiro. Sinteticamente, o EZLN quer "o que querem todos os seres humanos que não se esqueceram que são seres humanos: democracia, liberdade e justiça." (DI FELICE; 1998; p.80) O movimento reconhece a mudança do ser humano, mas afirma ser necessário o apego a certas coisas do passado. Assim, a história tem como base o ser humano e exerce um papel fundamental na feição da sociedade e das pessoas.

Considerando que o EZLN tem ciência de que os meios de comunicação são ferramentas essenciais para a manutenção e desenvolvimento da cultura dos povos indígenas mexicanos, delineamos como objetivo principal da pesquisa *compreender como o Exército Zapatista de Libertação Nacional busca conservar sua cultura e visão de mundo por meio da comunicação popular*. Tendo em vista que o presente trabalho consiste num ensaio de uma pesquisa mais ampla, analisaremos, de forma sucinta, apenas dois comunicados do movimento, *Primeira Declaração da Selva Lacandona* e *As sete mensagens zapatistas*, para que o leitor tenha uma noção da análise do discurso que será empreendida no trabalho final.



Partimos das hipóteses de que o Exército Zapatista de Libertação Nacional tem na comunicação a sua principal forma de luta e de que os produtos comunicacionais do movimento têm como função despertar emoções por meio da utilização de uma linguagem fortemente alegórica e poética.

## **Metodologia**

Como paradigma teórico-metodológico, este trabalho tem influência direta dos Estudos Culturais, sobretudo no que tange aos temas identidade e cultura popular.

Raymond Williams (1992), um dos precursores dos Cultural Studies, aborda a dificuldade em se definir o termo cultura, afirmando que as visões idealista e materialista convergem em vários estudos. Na definição do autor, cultura é um sistema de significações. É somente através do dinamismo implícito na idéia de cultura que é possível pensar nos movimentos sociais latino-americanos, especificamente o EZLN, em infinita metamorfose, num eterno "fazer-se". Nesta corrente dos estudos culturais, Ortiz nos faz pensar nas questões identitárias da seguinte maneira:

Sinceramente creio que não deveríamos ter nenhuma carteira de identidade, ela diz pouco sobre nossa individualidade, mas uma “carteira de diferenças”, rica, complexa, indefinida, reveladora da diversidade de nosso itinerários ao longo da vida, fechando-se com a nossa própria morte (2000;199)

Estar em constante mudança é visto por diversos autores dos Estudos Culturais como um traço constitutivo da cultura latino-americana, cultura esta que deve ser única num cenário internacional e que deve captar as mais diversas influências para adquirir tal caráter de unicidade. Assim, a identidade, expressão desta cultura ímpar, é para o latino-americano uma forma de participar do mundo e não de se isolar. Cientes de que o EZLN está em constante busca e afirmação de identidade, acreditamos que os autores dos *Cultural Studies* nos tragam uma colaboração bastante rica durante o processo de pesquisa.

No presente artigo, analisaremos dois comunicados produzidos pelo movimento. Como instrumento para análise de dados, utilizaremos a análise do discurso, sobretudo a vertente da escola francesa, que privilegia o contexto sócio-econômico de produção e recepção dos discursos em detrimento da análise morfológica. Vale ressaltar que o discurso revela ideologias e um universo de representações. Brandão (1991) analisa os conceitos de ideologia e discurso para chegar nas concepções da escola francesa da análise do discurso. Para a autora, o principal ensinamento de Pêcheux e outros



estudiosos seguidores dessa linha é que não se pode olhar para o discurso apenas como texto, sendo necessário recuperar as condições históricas para se apreender todos os meandros da formação discursiva/formação ideológica. “A formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas” (BRANDÃO; 1991; p.38)

Já para Fairclough (2001), sob influência da escola francesa, de Bakhtin e da pragmática textual, o discurso é agente de mudança social e as práticas discursivas atuam na realidade. Entendendo o discurso como materialidade da produção social, o autor destaca a importância do interdiscurso, uma entidade estrutural que subjaz os eventos discursivos. Desta forma “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder”. (p. 94)

### **Revisão da literatura**

Duas grandes vertentes de pesquisa direcionam a maior parte dos estudos sobre o movimento neozapatista no México. A primeira delas refere-se aos trabalhos sobre política, guerrilha e anti-liberalismo do EZLN. Nesta linha, destaca-se a obra de Buenrostro y Arellano (2002), que direciona seus estudos às raízes políticas e econômicas do fenômeno neozapatista de Chiapas. Ainda nesta primeira vertente, a obra de Di Felice e Munoz (1998) tem o mérito de diferenciar o EZLN dos demais movimentos sociais latino-americanos, além de reunir os principais materiais de comunicação do movimento.

A outra grande vertente de pesquisa concentra-se na utilização da Internet pelos zapatistas. Desta forma, o trabalho de Ortiz (1997) é voltado à análise da Internet como espaço privilegiado para a disseminação das opiniões e reivindicações do movimento. Somando-se a isso, o autor também analisa como o conflito é abordado pelas imprensas brasileira, argentina e mexicana. Já o estudo de Fernández (2003) aborda as diferentes dimensões do movimento, enfatizando a utilização do espaço da Internet como estratégia para conquistar a opinião pública.

Tendo em vista a perspectiva multidisciplinar dos estudos de comunicação, utilizaremos vários conceitos das ciências sociais, antropologia, história e linguagem para analisar a via comunicacional do movimento. Desta forma, cabe aqui uma breve revisão de alguns autores. Em relação à cultura popular, tivemos influência das leituras



de Mikhail Bakhtin (1993). Afastando a possibilidade de uma assimilação direta da cultura dominante pelos populares, encontramos no autor o conceito de circularidade cultural entre as classes, que consiste, essencialmente, num movimento mais dialético entre as diferentes classes e que confere maior reciprocidade aos diferentes níveis culturais. O EZLN é um exemplo significativo de circularidade e do choque entre cultura hegemônica e cultura dominada.

Também Gramsci (1978) estuda a cultura popular, buscando entender o caráter interclassista e de longa duração das crenças populares, tomadas sempre no que tinham de aparentemente imóvel, inconsciente e irracional. Baseando-se em sua ideologia do cotidiano, de que o homem não conhece o mundo enquanto o transforma, o autor parte do conceito de hegemonia para entender a alternância de forças políticas e sociais ao longo da história.

O conceito de cultura popular que utilizaremos neste trabalho advém da antropologia e representa o conjunto de atitudes, crenças e códigos de comportamentos próprios das classes subalternas num certo período histórico. Corroboramos com Stuart Hall, um dos grandes expoentes dos *Cultural Studies*, que caracteriza o popular como “as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas, que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares” (2003; p.262).

Os estudos de Martín-Barbero (1997) também são essenciais nesta pesquisa. Ressaltando a mestiçagem do latino-americano, as múltiplas temporalidades históricas numa mesma sociedade e as descontinuidades culturais, o autor fala dos imaginários híbridos que definem a identidade latino-americana como contraditória e heterogênea. Para o autor, também é fundamental entender como as pessoas utilizam a informação nas relações cotidianas a partir das mediações culturais, estas reveladas nas práticas cotidianas.

Quanto à mitologia, categoria que será analisada nos textos do movimento, seguimos o conceito de que "mito não é a história dos eventos políticos ou econômicos, mas história da sensibilidade coletiva" (FRANCO JÚNIOR; 1996; p. 47). É por meio das relações cotidianas que o mito torna-se presente, apesar do mesmo estar inserido num contexto a-histórico por ser recriado ao longo dos tempos. As "criações" míticas são, na realidade, reconstruídas por distintos atores históricos ao longo de diferentes períodos. Desta forma, o mito, pela heterogeneidade temporal, é sempre contemporâneo. Tal heterogeneidade se dá na medida em que um tempo mítico é

tornado presente. Tais concepções de mito são latentes na comunicação zapatista que, por meio destes relatos a-históricos, busca conservar sua cultura e transmiti-la aos leitores. A mitologia é revivida constantemente nas comunicações do movimento. Nesta perspectiva, a figura do narrador adquire importância crucial no processo:

O saber, que vinha de longe- do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição - , dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação, ela precisa ser compreensível 'em si e para si'. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. (...) Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (...) Ele (o leitor) é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1987, p. 202-203).

Narrar não é apenas informar: é ajudar a construir um imaginário. A narrativa oral, assim como a narrativa escrita e o poema, trabalha a palavra, valorizando seus aspectos polissêmicos, dando abertura para uma leitura mais profunda e complexa. Desta forma, acreditamos que a narrativa permite as constantes re-interpretações do folclore e as recriações míticas, pois permite que o leitor atribua novos significados e re-signifique sua própria identidade.

Neste contexto, inúmeros autores pensaram culturalmente a América Latina como resultado do acúmulo de influências vindas dos mais diferentes lugares. Pensaram também no latino-americano num constante fazer-se, sempre recebendo e produzindo novas concepções, não somente sobre o mundo mas também de seu próprio eu. Assim, a *cultura mezclada* do latino-americano, a conclusão de que somos vários "eus" dentro de um só, configura-se como a principal característica de nossa identidade.

A identidade latino-americana constitui-se na antítese, na ambigüidade. A afirmação da diversidade como elemento unificador transparece na América um conjunto. Sua instabilidade identitária, sua desarmonia não são contrapontos, mas sim características de um mesmo povo, na qual a multiplicidade da sua cultura, as heranças da Europa colonizadora são recursos agregadores de diferenças. Beatriz Sarlo (1997; p. 217) refere-se a uma "cultura de mescla, na qual coexistem elementos defensivos e residuais ao lado de programas renovadores", tratando a mestiçagem, tanto racial como de costumes e tradições, como fator predominante para a compreensão do *ser latino-americano*, portanto a pluralidade de características é o fator determinante.

Para grande parte dos autores latino-americanos que abordam questões identitárias, o latino-americano tem uma disposição à novidade e torna-se uma



combinação de elementos díspares. Assim, todos somos fruto da mistura, não necessariamente racial: essencialmente cultural.

Segundo Paz (1992) a identidade do povo mexicano está na pluralidade de sua formação: povo mesclado desde os tempos pré-colombiano, mestiço com o domínio espanhol e novamente mestiço com a diversidade de idéias às quais estão sujeitas. A identidade do mexicano é cambiante já que se constrói e re-constrói de acordo com o contexto histórico-cultural.

Em relação à linguagem, seguimos as propostas de Bakhtin (1988) e Schaff (1976 e 1967). Para o primeiro a palavra é mediadora entre o social e o individual, além de ser reveladora dos valores culturais. Desta forma, o uso da palavra mantém ou subverte valores, intervindo no mundo material. A grande inovação do autor foi ultrapassar a visão da língua como sistema. Bakhtin acredita que não se pode compreender a língua de forma isolada, devendo-se considerar fatores como contexto de fala, intenções e momento histórico. Nesta direção Baccetta (1995) complementa que a palavra só tem razão “na materialidade do intercâmbio da vida social” (p.6).

Numa mesma vertente marxista, Schaff (1967) refuta as idéias estereotipadas sobre o marxismo e fala da importância do indivíduo. Para o autor o homem existe como espécie e como indivíduo, este último resultado das condições históricas. Em defesa de Marx, Schaff complementa que “o indivíduo humano encontra-se dentro da sociedade de acordo com a sua gênese e o seu caráter social, mas continua, até certo ponto, como indivíduo autônomo” (1967, p.54).

Sobre análise do discurso, seguiremos a vertente francesa introduzida por Pêcheux (1988). Para o autor é preciso apreender a historicidade do discurso. Pêcheux parte da concepção da materialidade do discurso, na qual

a materialidade concreta da instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas, que, ao mesmo tempo, possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe”. Isto quer dizer que na luta de classes, não há “posições de classe que existam de modo abstrato e que sejam aplicadas aos diferentes ‘objetos’ ideológicos regionais das situações concretas (p.146)

Contudo, a materialidade ideológica só é possível de ser apreendida a partir da materialidade lingüística, que aparece nas formações discursivas. Pêcheux acredita que é possível utilizarmos o discurso como objeto, desde que o situemos em sua formação social e o relacionemos às suas condições de produção. No tópico a seguir,



empreenderemos uma análise sucinta a partir desta formulação de Pêcheux e seguindo os conceitos de Bakhtin e Schaff.

### **Análise do discurso: A primeira declaração pública do movimento**

---

#### *Primeira Declaração da Selva Lacandona*<sup>3</sup> (1º de janeiro de 1994)

Ao povo do México

Somos produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para não sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida, para promulgar a nossa Constituição e expulsar o Império francês do nosso solo. A ditadura Porfirista nos negou a justa aplicação das leis da Reforma e o povo se rebelou criando seus próprios líderes; foi assim que surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós, aos quais também se negou um mínimo de instrução, para que, como nós, fossem utilizados como bucha de canhão e deixassem o poderoso saquear as riquezas de nossa pátria, sem se importar com o fato de estarmos morrendo de fome e doenças curáveis, de não termos nada, absolutamente nada, sem um teto digno, sem terra, sem trabalho, sem saúde, sem alimentação, sem educação, sem ter direito a eleger livre e democraticamente nossas autoridades, sem independência dos estrangeiros, sem paz e sem justiça para nós e para os nossos filhos.

Porém, nós hoje dizemos: **BASTA!** Somos os herdeiros dos que realmente forjaram a nossa nacionalidade, somos milhões de despossuídos e convocamos todos os nossos irmãos a aderir a este chamado como o único caminho para não morrermos de fome ante a ambição insaciável de uma ditadura de mais de setenta anos, encabeçada por uma camarilha de traidores que representam os grupos mais conservadores e que estão dispostos a vender a pátria. São os mesmos que se opuseram a Hidalgo e Morelos, os que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais da metade do nosso solo ao invasor estrangeiro, são os mesmos que trouxeram um príncipe estrangeiro para nos governar, são os mesmos que sustentaram a ditadura porfirista, que não se opuseram à expropriação do petróleo, são os mesmos que massacraram os trabalhadores das ferrovias em 1958 e os estudantes em 1968, são os mesmos que hoje nos tiram tudo, absolutamente tudo.

Para evitar tudo isso, e como nossa última esperança depois de ter feito todas as tentativas para pôr em prática a legalidade baseada na nossa Carta Magna, recorreremos a ela, nossa Constituição, para aplicar o Artigo 39, que diz:

“A soberania nacional reside essencial e originalmente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui em benefício dele. Em qualquer tempo, o povo tem o inalienável direito de alterar ou modificar a forma de seu governo”.

Portanto, de acordo com nossa Constituição, emitimos a presente declaração de guerra ao exército federal que hoje tem Carlos Salinas de Gortari como chefe máximo e ilegítimo.

Em conformidade com esta declaração de guerra, pedimos aos outros poderes da Nação que restaurem a legalidade e a estabilidade da Nação, depondo o ditador.

Também pedimos aos organismos internacionais e à Cruz Vermelha Internacional que vigiem e regulem os combates que nossas forças vão travar, protegendo a população civil, pois desde já declaramos que nos sujeitaremos sempre ao que foi estipulado pelas Leis sobre a Guerra da Convenção de Genebra, constituindo o EZLN como força beligerante de nossa luta de libertação. O povo mexicano está do nosso lado, temos Pátria e a bandeira tricolor é amada e respeitada pelos combatentes insurgentes; em nossos uniformes utilizamos as cores vermelha e

---

<sup>3</sup> Documento extraído de DI FELICE, Massimo & MUÑOZ, Cristobal (org.). **A Revolução invencível**: cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: Boitempo, 1998.





preta, símbolo do povo trabalhador em suas lutas e greves; nossa bandeira leva as letras EZLN, de Exército Zapatista de Libertação Nacional, e ela nos acompanhará em todos os combates.

Rechaçamos de antemão qualquer intento de desvirtuar a justa causa de nossa luta, acusando-a de narcotráfico, narcoguerrilha, banditismo ou outro nome que possa vir a ser usado por nosso inimigos. Nossa luta se apegua ao direito constitucional e é motivada pela justiça e pela igualdade.

Portanto, conforme esta declaração de guerra, damos às forças militares do EZLN as ordens que seguem:

Primeiro: Avançar em direção à capital do país vencendo o exército mexicano, protegendo a população civil em seu avanço libertador e permitindo aos povos libertados eleger, livre e democraticamente, suas próprias autoridades administrativas.

Segundo: Respeitar a vida dos prisioneiros e entregar os feridos à Cruz Vermelha Internacional.

Terceiro: Iniciar julgamentos sumários de soldados do exército federal mexicano e da polícia política que tenham recebido cursos e que tenham sido assessorados, treinados ou pagos por estrangeiros, seja dentro da nossa nação seja fora dela, acusados de traição à Pátria, e de todos aqueles que roubem ou atentem contra os bens do povo.

Quarto: Formar novas fileiras com todos aqueles mexicanos que manifestem somar-se à nossa justa luta, incluídos aqueles que, sendo soldados inimigos, se entreguem às nossas forças sem combater e jurem responder às ordens deste Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Quinto: Pedir a rendição incondicional dos quartéis inimigos antes de travar os combates.

Sexto: Suspender o saque de nossas riquezas naturais nos lugares controlados pelo EZLN.

Povo do México: Nós, homens e mulheres íntegros e livres, estamos conscientes de que a guerra que declaramos é uma medida extrema, porém justa. Há muitos anos os ditadores vêm realizando uma guerra genocida não declarada contra nossos povos. Por isso, pedimos sua participação decidida, apoiando este plano do povo mexicano que luta por trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Declaramos a intenção de não deixarmos de lutar até conseguirmos o cumprimento destas demandas básicas, formando um governo livre e democrático em nosso país.

Integre-se às forças insurgentes do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Comando Geral do EZLN

---

Apesar de existir desde 1984, esta foi a primeira declaração oficial do movimento neozapatista. Em 1994, a Internet era uma novidade em vários países em desenvolvimento, inclusive o México, mas foi amplamente utilizada pelo EZLN para divulgar este documento. Com isso, os homens da Selva Lacandona tentaram mostrar ao mundo que a palavra seria uma de suas principais armas.

Nos dois parágrafos iniciais o movimento faz sua apresentação geral, colocando-se como produto de 500 anos de luta e mostrando várias temporalidades no discurso, para que o leitor entenda que a luta tem justificativas na tradição histórica. Desta forma, a História é produto das relações humanas, como diria Schaff (1967) em sua interpretação de Marx. O autor complementa que existem resquícios de história nos homens, o que não significa que não podemos mudar as coisas. Assim “o homem se transforma e se cria ao modificar as suas condições de existência” (SCHAFF, 1967,



p.77-78). Também é possível observar neste início de texto o caráter social da produção dessas idéias, conforme a proposta de Bakhtin.

Durante o discurso, entendemos que os indígenas foram construindo e reconstruindo suas identidades étnicas e sociais a partir das condições materiais de vários momentos “datados”. Contudo, as palavras enfatizam que “os herdeiros da nacionalidade” sempre foram marginalizados pela sociedade em que viviam. Tendo em vista que o ser humano é um intertexto e a autoria deve ser sempre relativizada, é visível que o EZLN utiliza argumentos típicos de movimentos de esquerda, sendo seu diferencial a condição indígena. Desta forma, quando o movimento fala, existem inúmeras vozes que devem ser esmiuçadas.

Na conceituação de Pêcheux (1988), as palavras que fazem parte do inventário lingüístico já foram empregadas antes, em outras enunciações precedentes, tiveram usos anteriores que fogem ao nosso domínio. Contudo, tais palavras assumem sentido em discursos e não abstratamente. A cada enunciação os sujeitos atualizam-nas, empregando-as de acordo com novas condições em novos contextos. Tal concepção é visível neste discurso do movimento.

No parágrafo 4, o movimento busca justificativas na lei para sua declaração de guerra, enquanto no parágrafo 7 enfatiza que não deseja ser visto como bandido, evitando a associação com o crime. É interessante notar que o EZLN tem ciência de que as populações geralmente associam novas insurreições com a marginalidade, em vista dos inúmeros discursos já produzidos que faziam tal associação. Novamente no último parágrafo, antes do chamado à população, o movimento declara que sua medida é extrema, mas justa, enfatizando a legalidade dos atos. Por fim, reivindicam a Constituição e os princípios básicos de um país. Nota-se que não há uma ideologização das propostas e nem busca pela tomada do poder: ao menos no papel, o que se busca são os princípios básicos de vivência em sociedade.

É possível observar que o tom geral do documento não se refere ao Estado, mas sim à liberdade e o direito à terra comunal. Após esta declaração e a chamada final, milhares de pessoas se juntaram aos zapatistas na Selva Lacandona, conferindo à luta um sentido amplo e legítimo. Para Paulino “somente no processo de interação social a linguagem estruturada no discurso adquire sentido” (2001; P.157). Desta forma, foi a partir da recepção de tal documento inicial que a luta zapatista adquiriu sentido na realidade material, ganhando visibilidade mundial e adeptos em diversas localidades. Na

concepção de Bakhtin (1988) “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...) a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (p.36-37).

Bakhtin (1988) acrescenta que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc” (p.123). Neste sentido, o discurso zapatista vinha de encontro a outras inúmeras discussões sobre a questão indígena e da terra, refutando a opressão dos governos mexicanos e confirmando os anseios da população.

### **Análise do discurso: Consolidação do movimento**

---

#### *As sete mensagens zapatistas<sup>4</sup> (19 de novembro de 1994)*

As sete mensagens com as quais o comandante Tacho entregou a Marcos o bastão de comando no aniversário do EZLN.

##### *Bandeira Nacional*

Neste pedaço de tecido se encontra a palavra de todos os mexicanos pobres e sua luta desde os velhos tempos. Tens de lutar por todos eles, nunca por ti, nunca por nós. Para todos tudo, nada para nós. Somos mexicanos que queremos ser livres. Esta é a bandeira da história. Recorda sempre que a nossa luta é pela liberdade.

##### *Bandeira do EZLN*

Esta estrela de cinco pontas contém a figura do ser humano: a cabeça, as duas mãos, os dois pés e o coração vermelho, que une as cinco partes tornando-as uma só. Somos seres humanos e isso quer dizer que temos dignidade. Esta é a bandeira da dignidade. Recorda sempre que nossa luta é pelo homem.

##### *Arma*

Nesta arma vai o nosso coração guerreiro. É a nossa dignidade que nos obriga a pegar as armas para que ninguém, nunca mais, tenha de pegá-las. Somos soldados que querem deixar de ser soldados. Esta é a arma da paz. Recorda sempre que nossa luta é pela paz.

##### *Bala*

Nesta bala vai a nossa terna fúria. É o nosso desejo de justiça que move esta bala para que ela fale o que nossas palavras calam. Somos vozes de fogo que querem alívio. Esta é a bala da justiça. Recorda sempre que a nossa luta é pela justiça.

##### *Sangue*

Neste sangue vai nosso sangue indígena. O orgulho que herdamos de nossos antepassados, que se transforma em sangue, é o que nos torna irmãos. Somos sangue que rega o solo e acalma a sede de todos os nossos irmãos. Este é o sangue dos homens e mulheres verdadeiros. Recorda sempre que nossa luta é pela verdade.

##### *Milho*

Neste milho está a carne do nosso povo. Somos homens e mulheres de milho, filhos e filhas dos deuses primeiros, dos criadores do mundo. Somos milho que alimenta a história, que ensina que é preciso mandar obedecendo. Este é o milho que, doendo alivia a dor de todos os nossos irmãos. Recorda sempre que nossa luta é pela democracia.

---

<sup>4</sup> Documento extraído de DI FELICE, Massimo & MUÑOZ, Cristobal (org.). **A Revolução invencível**: cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: Boitempo, 1998.



### *Terra*

Nesta terra está a casa dos nossos mortos mais importantes. Somos os mortos de sempre, que temos de morrer para viver. Somos a morte que vive. Esta é a morte que dá vida a todos os nossos irmãos. Recorda sempre que nossa luta é pela vida.

Sete forças: tzotzil, tzeltal, tojolabal, chol, mam, zoque e mestiço. Que a luta cresça sete vezes sete. Sete palavras e sete caminhos: vida, verdade, fome, paz, democracia, liberdade e justiça. Sete caminhos que dão força ao bastão de comando do chefe dos homens e mulheres verdadeiros.

Recebe, assim, o bastão do comando das sete forças. Leva-o com honra e que nele não andem as palavras que os homens e mulheres verdadeiros não dizem. Não és mais tu, agora e sempre és nós.

---

Enquanto a *Primeira Declaração da Selva Lacandona* é um comunicado formal de apresentação, *As sete mensagens zapatistas* é um documento para esclarecimento dos símbolos do movimento. Aparentemente “religioso”, este texto expõe a idéia da consagração, de que os tempos se unem e de que o “nós” vai agir sobre a história.

Com quase um ano de insurreição, o porta-voz do movimento, o subcomandante Maços, fora chamado de profissional da violência pelo presidente do México. Somando-se a isso, apesar do movimento estar na legalidade com o FZLN, braço político do EZLN, a perseguição ainda era forte e o discurso da imprensa mexicana era arredo em relação ao movimento. Era chegado o momento de mostrar à população que o movimento era a favor da paz. A solução é um discurso fortemente simbólico e poético. Para Bakhtin (1988)

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação da enunciação (p.125)

Ou seja: o movimento já havia se consolidado e lidado diretamente com o público receptor em suas diversas marchas de divulgação. Era necessário um discurso que explicasse e, ao mesmo tempo, legitimasse o movimento. Tendo em vista que a palavra é dinâmica – a palavra “dando-se” – e os significados se alteram constantemente em vista dos contextos, o discurso deve enfatizar o caráter interativo, de que enunciador e enunciatário são sujeitos da enunciação. Assim, tanto o EZLN como os receptores ajudam no arcabouço ideológico que forma o discurso escrito.

Os primeiros parágrafos falam das bandeiras e das simbologias. O terceiro e o quarto justificam possíveis atos de violência em nome da paz e da justiça. Os parágrafos quinto, sexto e sétimo remontam aos símbolos que permeiam a cultura mexicana, vinculados à origem maia dos indígenas. Para criar um aspecto lúdico que, geralmente, é mais fácil de ser apreendido, o movimento repete o número sete como num ritual



religioso. O texto em geral é permeado por termos comuns ao discurso religioso. Para o EZLN, é preciso dar continuidade política a tais expressões como “recorda sempre que”.

Cada documento possui um tom diferente. Enquanto o primeiro justifica as bases do movimento, o segundo mostra os símbolos da luta, tendo em vista que o lugar do movimento na realidade mexicana e global já estava definido. Existe uma história contada pelo subcomandante Marcos de que um velho, ao saber do EZLN em janeiro de 1994, teria acendido uma vela sob o retrato de Zapata e dito: “Zapata voltou”. É a este velho e a tantos outros que vêm faíscas de esperança no movimento para quem o EZLN escreve *As sete mensagens zapatistas*.

Partindo da concepção de Bakhtin (1988) de que “duas vozes são o mínimo da vida”, observamos no discurso que a linguagem está impregnada de relações dialógicas. Neste sentido, a experiência do EZLN entrecruzara-se com outras. Eles “são” a partir dos outros, daqueles que já ouviram o discurso e acabaram por determinar novas formas de discurso, sendo a linguagem a realidade da consciência social. Pêcheux (1988) acrescenta que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (p.92).

Desta forma “a raiz de tudo é mesmo a palavra, a linguagem verbal que, enquanto ação humana, constrói/ reconstrói/ destrói realidades” (BACCEGA; 1995; p.7). A partir desta concepção, pode-se concluir que o discurso é uma construção social que reflete uma visão de mundo vinculada à do autor e à sociedade. A linguagem se vincula à dinâmica da vida social e os sentidos das palavras se vinculam às ações humanas.

### **Considerações finais**

Uma solução teórica possível para os impasses expostos pelos neozapatistas encontra-se nas proposições de Habermas (1999). Buscando respostas para a crise da sociedade moderna, cuja lógica seria destrutiva, o filósofo contemporâneo propõe uma teoria da ação comunicativa, na qual o exercício do consenso destruiria a dominação. Para o autor, é preciso construir situações ideais de fala para que os diferentes atores sociais cheguem a um consenso que favoreça a evolução do corpo social como um todo. Desta forma

(...) Al actuar comunicativamente los sujetos se entienden siempre en el horizonte de un mundo de la vida. Su mundo de la vida esta formado de convicciones de fondo, más o menos difusas, pero siempre



aprobemáticas. El mundo de la vida, en tanto que trans fondo, es la fuente de donde se obtienen las definiciones de la situación que los implicados presuponen como aprobemáticas. En sus operaciones interpretativas los miembros de una comunidad de comunicación deslindan el mundo objetivo y el mundo social que intersubjetivamente comparten, frente a los mundos subjetivos de cada uno y frente a otros colectivos. (1999, 104)

Apesar de bastante otimista, a teoria de Habermas desconsidera as relações sociais cristalizadas ao longo da história, acreditando na possibilidade do discurso como ação política em nome de um bem comum. Infelizmente, a proposta de Habermas parece difícil de ser aplicada num mundo marcado pela imposição de vozes. A realidade material permite que as vozes da Selva Lacandona ressoem apenas como miúdos grãos num imenso milharal. Resta-nos a beleza do discurso neozapatista para tentarmos compreender se a palavra efetivamente auxilia na transformação social.

### Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: literatura e história*. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3.ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1991.

BRIDGE, Marco F. & DI FELICE, Massimo. *Votán-Zapata: a marcha indígena e a sublevação temporária*. São Paulo, Xamã, 2002.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro Manuel. *As raízes do fenômeno chiapas : o Já Basta da resistência zapatista*. São Paulo : Alfarrabio, 2002.

DI FELICE, Massimo & MUÑOZ, Cristobal (org.). *A Revolução invencível: cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Libertação Nacional*. São Paulo: Boitempo, 1998.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.



FERNANDÉZ, Adrián José Padilha. *Dimensões da luta neozapatista: implicações políticas e comunicacionais de uma guerra pós-moderna*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: ECA/USP, 2003.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996.

GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa*. Vol I. Madri: Taurus, 1999.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Z@patistas on-line : uma análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na Internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira. Interunidades em Integração da América Latina*. São Paulo: USP/ PROLAM, 1997.

ORTIZ, Renato. Estudos Culturais. In: *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. v.16. nº1 (junho de 2004). São Paulo: USP, FFLCH, 2004.

PAZ, Octavio. *O Labirinto da solidão e Post-scriptum*. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Edunicamp, 1988.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1976.

\_\_\_\_\_. *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.